



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 29/07/2022 a 04/08/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
29/07/2022	16,37	495,30	68,60	8,07	6,16
01/08/2022	15,94	487,00	66,23	8,00	6,07
02/08/2022	15,69	489,20	65,20	7,74	5,91
03/08/2022	15,58	481,70	65,08	7,63	5,91
04/08/2022	16,15	513,70	66,04	7,82	6,02
Média	15,95	493,38	66,23	7,85	6,01

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	173,00	
RS – Não Me Toque	173,00	
RS – Londrina	166,00	
PR – Cascavel	167,00	
MT – C.N.Parecis	156,00	
MS – Maracaju	166,00	
GO - Rio Verde	161,00	
BA – L.E.Magalhães	163,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	83,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	83,00	
PR – Cascavel	75,00	
PR – Londrina	77,00	
MT – C.N.Parecis	62,00	
MS – Maracaju	66,00	
SP – Itapetininga	78,00	
SP – Campinas	82,00	CIF
GO – Rio Verde	69,00	
GO – Jataí	69,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	106,00	
RS – Não Me Toque	106,00	
PR – Londrina	114,00	
PR – Cascavel	112,00	

Período: 03/08/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 04/08/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,65	179,31	109,30

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
28/07/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	76,05
Feijão (saco 60 Kg)	225,00
Sorgo (saco 60 Kg)	65,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,26
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,94**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,77

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Julho/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

A soja viu suas cotações oscilarem bastante, em Chicago, durante esta semana. Após recuar quase um dólar em quatro dias, a cotação do primeiro mês subiu novamente, fechando a quinta-feira (04) em US\$ 16,15/bushel, contra US\$ 16,09 uma semana antes. Todavia, a média de julho confirmou a nova tendência do mercado, na medida em que encerrou o mês em US\$ 15,50/bushel, consolidando um recuo de 8,3% sobre junho. Lembrando que a média de julho de 2021 ficou em US\$ 14,24/bushel. A forte queda nos valores do óleo ajudaram a puxar para baixo o grão durante julho. Este subproduto terminou o mês passado com a média de 62,02 centavos de dólar por libra-peso, o que representou, para o primeiro mês, um recuo de expressivos 18,7%. A pressão só não foi maior porque o farelo viu sua média subir, na esteira das dificuldades existentes na Argentina, principal exportador mundial deste subproduto. O mesmo fechou julho na média de US\$ 463,53/tonelada curta, o que representou um aumento de 8,2% sobre junho.

Durante esta primeira semana de agosto, novamente o farelo assumiu o protagonismo, puxando o grão, na medida em que sua tonelada curta bateu em US\$ 513,70 no fechamento da quinta-feira (04/08). Os produtores argentinos estão segurando o grão de soja, devido as perdas com o imposto de exportação, para o qual o novo superministro da economia local não indicou modificações. Com isso, o esmagamento na Argentina diminui e sua disponibilidade de farelo para exportação também. Além disso, há problemas de logística nos EUA, com falta de vagões para o transporte dos grãos. Soma-se a isso a tradicional preocupação com o clima naquele país, já que estamos no período decisivo de desenvolvimento das lavouras de soja. A previsão de menos chuva durante este novo mês, sobre as regiões produtoras, traz preocupações ao mercado. Em continuando o clima quente e seco por lá dificilmente os EUA conseguirão a safra projetada. Neste sentido, muita atenção ao relatório de oferta e demanda que será divulgado na próxima semana pelo USDA.

No entanto, apesar desta situação climática, o governo local aumentou o índice de lavouras de soja entre boas a excelentes, com o mesmo passando a 60% no dia 31/07. O mesmo está nos níveis do ano passado nesta época. Outras 29% das lavouras estavam regulares e 11% ruins a muito ruins, sendo que 79% de todas as lavouras estavam em fase de florescimento naquela data.

Por outro lado, na semana encerrada em 28 de julho, os EUA alcançaram um total de 53,6 milhões de toneladas de soja embarcadas no ano comercial 2021/22, volume que é 8% menor do que o registrado no mesmo período do ano anterior. Para toda a temporada citada já são 59,5 milhões de toneladas comprometidas para exportação. Já em relação a nova safra 2022/23 as exportações foram de 410.600 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado.

Outra informação relevante, na semana, e que ajudou a sustentar as cotações em Chicago, foi a confirmação de que a safra da América do Sul efetivamente sofreu forte redução em 2021/22, devido aos problemas climáticos. Algo já sabido, porém, agora melhor quantificado. Apesar de uma área semeada recorde, de 63,8 milhões de hectares, a região maior produtora mundial de soja obteve uma produção de apenas 181,5 milhões de toneladas, com um recuo de 9% sobre o volume colhido no ano anterior e de quase 15% sobre o inicialmente projetado. Por país, o Brasil obteve 126,2

milhões de toneladas, a Argentina 43,7 milhões, e o Paraguai 4,95 milhões. Soma-se, ainda a isso, a produção do Uruguai e da Bolívia. (cf. Datagro)

Por outro lado, ainda no mercado internacional, tem-se que a Índia aumentou consideravelmente suas importações de óleo de soja em julho. Isso ocorreu porque o governo local permitiu tais compras com isenção de impostos visando reduzir os preços internos, atualmente nos mais altos níveis históricos. Se por um lado tal medida ajuda à soja, coloca em dificuldades o óleo de palma, fato que força os vendedores da Malásia e da Indonésia, deste produto, a oferecer descontos visando recuperar sua fatia de mercado. Este procedimento tende, logo adiante, a afetar para baixo o óleo de soja, atingindo também o grão desta oleaginosa como, aliás, ocorreu em julho. Por enquanto, em julho, a Índia aumentou em 113% suas compras de óleo de soja, atingindo a um total de 493.000 toneladas no mês. A Índia tradicionalmente compra óleo de soja da Argentina e do Brasil, mas nos últimos meses também fez compras dos Estados Unidos, Rússia e Turquia. Nesse contexto, as exportações de óleo de soja, do Brasil para a Índia, entre janeiro e junho do corrente ano, somaram mais de 800.000 toneladas, de um total de 1,27 milhão de toneladas para todos os destinos, conforme dados do governo brasileiro. No primeiro semestre de 2021, os indianos tinham comprado apenas cerca de 200.000 toneladas do Brasil. Desta forma, o total exportado pelo Brasil, em óleo de soja, no primeiro semestre de 2022, aumentou em 65% na comparação com o mesmo período de 2021. (cf. Abiove) Analistas internacionais consideram possível que a Índia compre 4,5 milhões de toneladas de óleo de soja neste atual ano comercial, que termina em 31/10 para os indianos, contra 2,87 milhões no ano anterior.

Aqui no Brasil, com o câmbio oscilando entre R\$ 5,20 e R\$ 5,30 por dólar, e a manutenção dos prêmios em níveis interessantes, o preço da soja melhorou um pouco neste início de agosto. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 179,31/saco, enquanto as principais praças do Estado trabalharam com R\$ 173,00. Já nas demais regiões do país, o saco de soja oscilou entre R\$ 156,00 e R\$ 167,00.

Começa a pesar sobre os preços internos a possibilidade de uma futura safra recorde no país. Últimas projeções privadas dão conta de uma produção de 152,6 milhões de toneladas em clima normal. Isto seria quase 20% acima da frustrada safra anterior. Com isso, não se descarta a possibilidade de o país exportar um total de 100 milhões de toneladas no próximo ano comercial. (cf. StoneX)

Especificamente no Mato Grosso do Sul, conforme a Aprosoja local, até julho haviam sido comercializadas 79,2% da última safra de soja, tendo o preço médio atingido a R\$ 168,18/saco. O maior volume comercializado naquele Estado se deu em março, com cerca de 17% da safra total sendo vendida, a um preço recorde de R\$ 189,31/saco. Já a comercialização da nova safra 2022/2023 teve início também em março, estando 16% vendida, com o preço médio de R\$ 181,36/saco. Até o final de julho, 20,8% da safra 2021/2022 e 84% da safra 2022/2023 ainda não haviam sido comercializados.

Pelo lado do esmagamento brasileiro de soja, espera-se que, em 2022, o país alcance 48 milhões de toneladas, diante de uma capacidade produtiva de 55 milhões. O aumento desta produção dependerá do crescimento da demanda por biodiesel no país. Isso elevará igualmente a produção de farelo, que hoje está entre 35 a 36 milhões de toneladas.

Enfim, importante se faz destacar igualmente que, em uma pesquisa inédita realizada pela Syngenta, em parceria com a Agroconsult e a Sociedade Brasileira de Nematologia, obteve-se “números preocupantes sobre prejuízos e perdas decorrentes de nematoides e doenças iniciais nas lavouras brasileiras. De acordo com o levantamento, já existe uma estimativa de R\$ 65 bilhões em perdas por conta desse problema, somente na cultura de soja. Isto significa que, a cada 10 safras, uma inteira é perdida para os nematoides. A pesquisa, realizada sobre a distribuição e crescimento dos nematoides no Brasil, percorreu todo o país durante o ano passado e traz detalhes importantes sobre a problemática em todas as regiões, nos mais diversos cultivos e para todas as espécies encontradas. Se o cenário permanecer como está, a expectativa é de que produtores brasileiros tenham um prejuízo somado, em todas as lavouras, de até R\$ 870 bilhões em menos de 10 anos. Somente para a soja o prejuízo chegaria a R\$ 374 bilhões em menos de 10 anos.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quinta-feira (04) em US\$ 6,02/bushel, contra US\$ 6,16 uma semana antes. Já a média de julho despencou 12,5% sobre a de junho, ficando em US\$ 6,63/bushel. Um ano antes, esta média foi de US\$ 6,05.

As preocupações climáticas nas lavouras dos EUA, algo de praxe nesta época do ano, continuam. Mesmo assim, segundo o USDA, em 31/07 havia 61% das lavouras de milho locais entre boas a excelentes condições, se igualando ao existente no mesmo período do ano anterior. Outras 25% estavam regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Naquela data, 80% das lavouras estavam em fase de embonecamento.

Por sua vez, em termos de exportação, os EUA embarcaram, na semana encerrada em 28/07 um total de 856.938 toneladas do cereal, volume dentro do esperado pelo mercado. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial soma 51,9 milhões de toneladas, o que significa 18% menos do que o embarcado em igual período do ano anterior.

Já na Europa, a Comissão da União Europeia apontou que a região da União deverá ter uma colheita de milho 8% menor do que o realizado no ano anterior. Isso significa menos 5,9 milhões de toneladas, com o total a ser produzido chegando a 65,8 milhões de toneladas, contra os 71,7 milhões previstos no final de junho e os 72,7 milhões colhidos no ano passado. O recuo se deve ao forte calor e falta de chuvas neste ano. Nestas condições, a União Europeia deverá elevar para 16,5 milhões de toneladas, em 2022/23, suas importações de milho.

Enquanto isso, na Argentina, 90% das lavouras de milho locais estavam colhidas neste início de agosto, contra 95% no ano anterior. Segundo o Ministério da Agricultura local o vizinho país colherá 58 milhões de toneladas do cereal, lembrando que a Bolsa de Cereais de Buenos Aires indica um volume bem menor.

E no Brasil, os preços do milho melhoraram um pouco neste início de agosto. A média gaúcha, no balcão, chegou a R\$ 81,65/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 62,00 e R\$ 83,00/saco. Já na B3, o fechamento da quinta-

feira (04) ficou em R\$ 87,35/saco para setembro; R\$ 89,35 para novembro; R\$ 92,40 para janeiro; e R\$ 93,40/saco para março. O principal motivo desta recuperação nos preços está ligado a uma maior demanda pelo milho brasileiro no exterior, além dos baixos estoques internos do produto.

Em contrapartida, a colheita da safrinha 2022, no Centro-Sul brasileiro, chegava a 72,7% da área total no dia 28/07, contra 49,2% um ano atrás. No Mato Grosso faltavam apenas 2% a serem colhidos. A estimativa para a produção final da safrinha brasileira deste ano é de 87,3 milhões de toneladas, contra 60,7 milhões no ano passado segundo a AgRural.

Para 2022/23, espera-se uma primeira safra (a de verão) em 30,3 milhões de toneladas, mesmo havendo uma pequena redução na área semeada. Se este volume se confirmar, será 14,8% superior ao colhido no ano anterior. (cf. Stone X) Aliás, esta consultoria é mais otimista em relação a produção da atual safrinha de milho, estimando que a mesma possa chegar a 93 milhões de toneladas. Em tal contexto, mesmo com o aumento do consumo total, os estoques finais do ano chegariam a 14,2 milhões de toneladas, permitindo uma pressão baixista sobre os preços. Como a chamada terceira safra está estimada em 2,2 milhões de toneladas no país, o volume total a ser produzido com milho no Brasil chegaria a 121,6 milhões de toneladas em 2021/22. (cf. Stone X)

Especificamente no Mato Grosso, onde a colheita está praticamente finalizada, a produtividade média da safrinha ficaria em 102,1 sacos/hectare, com uma produção final de 39,2 milhões de toneladas. Este volume representa 20,2% acima do que foi colhido na frustrada safra anterior. (cf. Imea)

Por outro lado, no Paraná, a colheita da safrinha atingia a 57% da área no início de agosto. (cf. Deral) Já no Mato Grosso do Sul, 26,2% das lavouras estavam colhidas na mesma época, com a produção final estimada em 9,34 milhões de toneladas. Com isso, a produtividade média final será de 78,1 sacos por hectare. O preço médio, naquele Estado, na última semana, recuou para R\$ 65,71/saco. Assim, julho fechou com a média de R\$ 66,37/saco, contra R\$ 88,13 em julho de 2021, o que representa um recuo de quase 25% nos valores do corrente ano. Cerca de 29% da safra atual os produtores sul-matogrossenses já haviam comercializado até o início de agosto.

Enquanto isso, em São Paulo a projeção de colheita é de 4,8 milhões de toneladas em 2022, o que representa 30,1% acima do colhido no ano anterior. Assim, somando as duas safras de milho e mais os estoques existentes, a disponibilidade de milho em São Paulo estaria na ordem de 5,3 milhões de toneladas, representando um aumento de 24,9% sobre o existente no ano anterior. Isso permite estimar que as importações de milho, por parte de São Paulo, provenientes de outros Estados, tende a recuar 21,2% neste ano, lembrando que a demanda paulista de milho alcança 8,4 milhões de toneladas anuais. Enfim, o governo de São Paulo, juntamente com a Abramilho e outras empresas ligadas ao setor, estão lançando o Programa Milho SP que busca, até 2030, elevar a produção do Estado para 11 milhões de toneladas.

Por sua vez, no Mato Grosso do Sul, 97,8% da safra de milho 2021 já teria sido comercializada, com um preço médio de R\$ 69,32/saco. Enquanto isso, para a safra 2022 o produto já comercializado, até julho do corrente ano, apresenta um preço médio

de R\$ 69,32/saco e um recuo de 30 pontos percentuais no volume, em relação ao ano anterior. No total do ano de 2022, o preço médio é de R\$ 77,22/saco. (cf. Aprosoja/MS)

Enfim, em termos de mercado externo, em todo o mês de julho o Brasil acabou exportando 4,1 milhões de toneladas de milho, volume este que ficou abaixo do esperado inicialmente. Mesmo assim, ficou 107,1% acima do que foi exportado em julho de 2021. (cf. Secex) Entretanto, a Anec estima que as exportações tenham chegado a 6,09 milhões de toneladas, projetando que no total do ano o Brasil exporte 43 milhões de toneladas (outros analistas esperam vendas externas totais entre 35 e 41 milhões de toneladas). Por outro lado, o Brasil importou 290.507 toneladas de milho, em julho, sendo o volume 101,3% superior ao importado em julho de 2021. (cf. Secex)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, fecharam a quinta-feira (04) em US\$ 7,82/bushel, contra US\$ 8,17 uma semana antes. Nota-se que a média de julho caiu 20,2% sobre junho, ficando em US\$ 8,06/bushel. No mês anterior, em relação a maio, o recuo já havia sido de 11,4%. Assim, em dois meses o bushel de trigo, em Chicago, recuou cerca de 30%.

Enquanto isso, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, no dia 31/07, atingia a 82% da área, contra 85% na média histórica. Por sua vez, as condições das lavouras do trigo de primavera, na mesma data, apresentavam-se com 70% entre boas a excelentes, 23% regulares e 7% entre ruins a muito ruins.

Já em termos de exportação, os EUA embarcaram, na semana encerrada em 28/07, um total de 256.601 toneladas de trigo, ficando dentro do esperado pelo mercado. No total do novo ano comercial 2022/23, iniciado em 1º de junho, o volume alcança 2,85 milhões de toneladas, ficando 25% menor do que o volume embarcado em igual período do ano anterior. A estimativa total do USDA é de exportações de 21,8 milhões de toneladas neste ano comercial.

Enquanto isso, a consultoria agrícola russa SovEcon elevou sua previsão para as exportações de trigo da Rússia, em 2022/23, para 42,9 milhões de toneladas, enquanto a estimativa de produção passou para 80,9 milhões de toneladas.

E na União Europeia, a colheita do trigo macio deverá ficar em 123,9 milhões de toneladas, contra 130,1 milhões colhidas no ano anterior. Já a exportação deste trigo ficaria em 36 milhões de toneladas pela União.

Por outro lado, no mercado brasileiro os preços do trigo se estabilizaram, com leve viés de alta no Paraná, diante de problemas climáticos que começam a surgir nas diferentes regiões produtoras. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 109,30/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 112,00 e R\$ 114,00/saco.

É bom lembrar que, finalmente, o primeiro navio carregado com grãos acabou saindo de porto do Mar Negro nesta semana, e outros são esperados, dentro do acordo de flexibilização feito entre Ucrânia e Rússia, intermediado pela Turquia e a ONU. Isso

pressiona os preços externos, com consequências sobre o mercado brasileiro, já que as importações tendem a ficar mais baratas. Por enquanto, a baixa disponibilidade de trigo e o fato de os moinhos estarem abastecidos, tende a manter os negócios no Brasil apenas em situação pontual, pelo menos até a entrada da nova safra.

Dito isso, o plantio da nova safra está praticamente encerrado no país, faltando alguma coisa no Rio Grande do Sul.

A tendência geral no país, em se confirmando uma safra cheia, é de preços em queda a partir de setembro, podendo esta se acentuar no restante do ano dependendo do câmbio e do cenário externo.